

O Castelo de Montemor-o-Novo resultados de trabalhos arqueológicos em 2020

António Chéney [Arqueólogo; antoniocheney@yahoo.com.br]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Apresentamos, com este texto, uma abordagem dos resultados arqueológicos obtidos no âmbito do acompanhamento arqueológico do projecto de “Requalificação dos Arranjos Exteriores do Castelo de Montemor-o-Novo”, no ano de 2020.

Os trabalhos estiveram a cargo da empresa AFA - Arqueologia Conservação e Restauro, Unipessoal, Lda, tendo como responsáveis os arqueólogos António Chéney, Mariana Fafães e João Silva, e ainda a participação de Guilherme Santos. Esta empresa de Arqueologia foi contratada pela Vibeiras, SA, sendo o dono de obra a Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

A obra desenrolou-se em conformidade com os trabalhos executados pelo empreiteiro Vibeiras, SA (Director de Obra, Eng.º Mário Gomes) e pelo subempreiteiro RSC, Lda (Encarregado de Obra, Carlos Patrício). Tiveram início em 2019-12-11 e terminaram em 2020-07-28. Na sua realização, foram utilizados meios mecânicos e, em menor escala, meios manuais. Foram identificadas várias estruturas inéditas e recolhido espólio essencialmente datado da Idade Moderna. Como é do conhecimento, o Castelo de Montemor-o-Novo é considerado Monumento Nacional desde 1951 (Decreto n.º 38147, de 5 de Janeiro). Nos séculos XV e XVI a vila de Montemor-o-Novo era uma localidade com relevância na região do Alentejo, tendo ocorrido nas Cortes aí realizadas decisões importantes, dentro de um contexto nacional. Terá sido na Alcaldaria, em 1495, que, de acordo com João Barros, foi tomada a decisão, por proposta de D. Manuel I, de se fazer a viagem de Vasco da Gama à Índia (CARPETUDO e LOPES, 2016). Deste modo, tendo presente também esta realidade, tentámos salvar, com os meios disponíveis, o Património, de modo a que este fosse usufruído pelas gerações futuras.

Inicialmente, os trabalhos incidiram na remoção de terras sobre a calçada [UE103] da antiga “Rua do Bispo”. Durante esta fase, uma minigiratória

com rastros de borracha e com um balde liso retirou as terras, com o auxílio do arqueólogo. À medida que se progredia, trabalhadores faziam uma limpeza mais minuciosa da calçada com meios manuais. Esta calçada foi realizada com pedras de superfícies roladas e dimensão regular, colocadas directamente sobre terra. Existiu um esforço para que não fosse danificada e se conservasse o máximo possível a superfície, sem vestígios de eventuais contactos com o balde liso da minigiratória.

A calçada tem uma orientação Noroeste-Sudeste, com uma inflexão para Norte-Sul perto dos “Paços do Concelho ou Cadeia”. Possui uma extensão aproximada de 210 m e uma largura média de 2 m, não invalidando que, nas proximidades da Igreja Matriz de Santa Maria do Bispo, tenha uma largura muito maior e que, na extremidade oposta, perto dos referidos “Paços do Concelho ou Cadeia”, a largura seja menor. A parte original terá sido construída nos séculos XIII-XIV e, em grande parte do trajecto, terá tido uma largura menor do que nos séculos XV-XVI. Como é possível observar (Fig. 1), constatámos um alargamento considerável, ligeiramente diferente, que terá sido efectuado quando a vila terá alcançado uma população de maiores dimensões. Este alargamento não invalida a existência de outras intervenções de manutenção e reestruturação. Durante os trabalhos, verificámos que a calçada terá sofrido ligeiras derrocadas durante o tempo de abandono.

Na zona dos antigos Paços do Concelho da Vila, a remoção de terras com meios mecânicos colocou a descoberto estruturas que pertenciam provavelmente à Igreja de Santa Maria da Vila, o que implicou a paragem dos trabalhos nesta zona. Estas estruturas indicavam a existência de outras estruturas de natureza arqueológica que careciam de uma exacta caracterização, mas isso apenas seria possível através de escavação arqueológica.



FIG. 1 – Calçada da antiga “Rua do Bispo”.

Os vestígios pertencem a uma parede [UE230] em que é difícil a percepção do limite exterior. A face interna é revestida por argamassa e pintada com várias camadas de cal. A parte visível tinha um comprimento de 4,5 m, uma altura de 40 cm e uma orientação Noroeste-Sudeste. O topo ficou fragilizado devido à acção mecânica. Estes vestígios serão datáveis do século XIV.

Nos trabalhos desenvolvidos na área afectada à Porta do Anjo, é de ressaltar a identificação de vestígios de uma estrutura [UE126], que pode indicar ser a cerca da vila. Este pequeno troço de muralha era constituído por pedras em calcário, unidas por argamassa laranja. Serviu de base para uma caixa que obrigou a uma ligeira regularização da superfície. Com um comprimento aproximado de 1,2 m, uma largura visível de 1 m, tinha uma orientação Noroeste-Sudeste e estava encostada à Torre do Anjo. Terá uma cronologia dos séculos XIII-XIV.

Ainda nas imediações da Porta do Anjo, foi descoberta a descoberto uma calçada [UE129], com uma orientação Noroeste-Sudeste, possivelmente medieval, que iria até à Igreja Matriz de Santa Maria do Bispo. Apesar de pontualmente desmantelada para abertura de vala, foi preservada na sua quase totalidade, coberta com manta geotêxtil e depois terra limpa.

No acompanhamento arqueológico efectuado na Alcaldaria, é de salientar a identificação de vestígios de uma estrutura relevante, nomeadamente parte de um troço da muralha da



FIG. 2 – Muralha da Alcaidaria.

Alcaidaria [UE119]. Este pequeno troço de muralha (Fig. 2) foi construído com pedras em xisto de média dimensão, dispostas linearmente sobre camada de argamassa de cal para regularização, de modo a receber a fiada superior. Possui um comprimento máximo de 1,5 m, uma largura máxima de 1 m e uma altura máxima de 40 cm. Tem uma orientação Sudoeste-Nordeste. É datado do século XV.

Relativamente à abertura das fundações para o passadiço, esta chegou a ser mecânica, mas com a presença do arqueólogo. Contudo, a acção mecânica não permitiu detectar um muro [UE134] de alvenaria de pedra seca, sem argamassa, semelhante à das estruturas arqueológicas já musealizadas. perante a constatação de, além deste muro, existirem outras estruturas, igualmente frágeis, todos os elementos intervenientes nos referidos trabalhos decidiram que o melhor seria continuar a abrir as restantes fundações de uma forma manual. O trabalho foi efectuado com a colaboração dos trabalhadores, sendo possível identificar um provável forno [UE141].

Durante o mês de Março, procedeu-se à definição e identificação de estruturas no talude [UE108] que ladeava a calçada medieval da antiga Rua do Bispo. Este procedimento foi efectuado pelo arqueólogo, unicamente com meios manuais. Ainda neste período, no dia 2020-03-05, numa tentativa com meios mecânicos de nivelar o talude, para ficar menos íngreme, a acção teve que ser interrompida pela identificação de uma cisterna

[UE170] e de um pavimento [UE 169]. Esta cisterna foi construída com elementos pétreos em xisto. Tem um diâmetro 60 cm e uma profundidade actual de 1,5-1,6 m. Terá uma cronologia do século XVI. As restantes estruturas identificadas no talude, como foi referido, por meios manuais, confirmaram que a decapagem inicialmente realizada tinha alcançado o topo das estruturas arqueológicas existentes na área.

A vala que foi aberta num trajecto desde a Porta de Santarém até à Alcaidaria, com uma largura de média de 70 cm e uma profundidade média de 80-90 cm, permitiu encontrar outras estruturas arqueológicas. O projecto pressupôs que a largura do caminho existente era a largura do

caminho na Idade Moderna. Mas, na verdade, o que se veio a constatar é que o actual caminho é mais largo que o caminho da Idade Moderna. De modo que, deparámo-nos com estruturas habitacionais. O entulho, a fragilidade das estruturas e a acção mecânica não permitiram uma correcta identificação das referidas estruturas por parte do arqueólogo.

Na encosta da Alcaidaria foi igualmente possível identificar várias estruturas arqueológicas. Uma estrutura [UE210] bastante sólida, edificada com elementos pétreos de média dimensão, unidos com argamassa de cal, ocupa uma área de 1,6 m². Com uma funcionalidade indeterminada terá uma cronologia dos séculos XVI-XVII.

Uma outra estrutura [UE212] bastante sólida, edificada com elementos pétreos de média dimensão, unidos com argamassa de cal, ocupa uma área 1,8 m². Com uma funcionalidade indeterminada, terá também uma cronologia dos séculos XVI-XVII.

Nas proximidades da Alcaidaria, surgiram umas estruturas [UE213] em conexão. Devido à largura da vala, não foi possível interpretar com precisão a sua funcionalidade. No conjunto, na extremidade Nordeste, surgem blocos aparelhados, dispostos linearmente. Na área central e na extremidade Sudoeste, o edificado é constituído por pequenos elementos pé-

treos em xisto. Ocupa uma área de 1,8 m² e terá uma cronologia da Idade Média / Idade Moderna.

Ainda nas proximidades da Alcaidaria, no decorrer da abertura de uma pequena vala para um lancil, foi identificada uma pequena estrutura, visível quase à superfície. Foi construída com elementos pétreos em xisto, sem estar argamassada. Tem um comprimento de 60 cm, uma largura de 40 cm e uma orientação Sudoeste-Nordeste. A sua cronologia poderá remontar à Idade Média.

Relativamente ao espólio recolhido e inventariado, este indica uma cronologia essencialmente dos séculos XVI-XVII. Esta constatação demonstra uma intensidade de ocupação humana, na vila intramuros, para estes séculos. Raraia para séculos anteriores. Neste caso, a ocupação humana nos séculos XVI e XVII terá destruído e ocultado vestígios de datas mais recuadas. A incidência dos trabalhos em áreas identificadas como sendo essencialmente datadas da Idade Moderna não permitiu, igualmente, identificar com segurança níveis medievais. Para o século XVIII, a quantidade de espólio decaiu consideravelmente, quer em termos quantitativos, quer, principalmente, qualitativos, indo ao encontro das fontes escritas, relativamente ao progressivo abandono da vila intramuros. No século XIX, é notória a escassez de espólio, o que reflecte a ocupação agrícola a que esta área foi votada (PEREIRA, 2008).

Em termos de espólio cerâmico, é de salientar um fragmento com uma eventual cronologia da Idade do Ferro, identificado nas proximidades dos “Paços do Concelho ou Cadeia” (Fig. 3). Este fragmento apresenta uma forma ligeiramente trapezoidal, arredondada nos cantos, com uma dimensão de 11 x 6 x 3 cm. Encontra-se ornamentado com uma fiada de cinco motivos circulares completos e um motivo circular incom-



FIG. 3 – Cerâmica estampilhada da Idade do Ferro.

0 3 cm

pleto, todos efectuados com o mesmo utensílio. Debaixo desta fiada, existe isolado um motivo circular idêntico. Cada motivo circular tem um diâmetro de 1 cm e é formado por cinco pequenas impressões. Na referida fiada, cada motivo circular está afastado um dos outros por uma distância de 1 cm. Estes motivos circulares estão associados a uma ornamentação com linhas incisas, formando uma composição. Verificamos assim duas linhas verticais paralelas, afastadas entre si por 1 cm; duas linhas oblíquas paralelas, afastadas entre si por 1 cm, no lado esquerdo destas linhas centrais; e outras duas linhas oblíquas semelhantes, no lado direito. Enquanto as linhas verticais indiciam uma continuidade, as oblíquas terminam com um motivo circular.

Para este fragmento, encontramos paralelo com um fragmento atribuível a uma cronologia da Idade do Ferro proveniente da “Camada B” do Abrigo da Pena D’Água, em Torres Novas (CARVALHO, 2008: 14).

Salientamos também uma peça pouco usual, grafitada com um motivo de difícil interpretação (Fig. 4), atribuída à Idade Moderna.

Relativamente a um jogo de tabuleiro (Alquerque) identificado durante a limpeza da calçada, este foi realizado num suporte pétreo com um formato rectangular (23 x 19 x 23 x 18 cm), sendo uma das extremidades mais saliente. Apresenta pequenas e pouco pronunciadas concavidades, sem os tradicionais traços. O tabuleiro é formado por 25 covas dispostas em cinco fileiras de cinco covas. Cada concavidade tem um diâmetro de 1-2 cm, encontrando-se afastadas entre si 1-2 cm. A cerca de 4 cm destas fileiras, verificamos a existência de duas outras com cinco concavidades, igualmente com o mesmo diâmetro. Este jogo de tabuleiro está inserido na calçada (Fig. 5), na extremidade onde estariam as habitações, sendo assim possível circular sem que os jogadores incomodassem os transeuntes. Com uma cronologia que pode remontar à Idade Média, não descuramos uma cronologia da Idade Moderna. Neste caso, somente um estudo mais pormenorizado da referida calçada e das suas alterações pode permitir uma melhor datação.

A terminar, agradecemos o apoio concedido por Anabela Sá, e ainda por Guilherme Cardoso e pela Professora Doutora Helena Catarino. ❧



FIG. 4 – Cerâmica grafitada da Idade Moderna.

Bibliografia

- AAVV (2001) – *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis.
- ARNAUD, José Morais e GAMITO, Teresa Júdice (1974-1977) – “Cerâmicas Estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I. Cabeço de Vaíamonte, Monforte”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9: 165-202. Disponível em <https://bit.ly/3K6hmqr>.
- CARDOSO, Guilherme et al. (2016) – “Produção Oleira Renascentista na Bacia Hidrográfica do Baixo Tejo. A Produção de cerâmicas vidradas em Alenquer, durante o século XVI”. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 20 (2): 54-63. Disponível em <https://bit.ly/2yq5ob4>.
- CARPETUDO, Carlos e LOPES, Gonçalo (2016) – “Paço dos Alcaldes. Uma proposta de reconstrução virtual”. *Almanson - Revista de Cultura*. 3.ª Série. 2: 155-177. Disponível em <https://bit.ly/3JTa5Kg>.

CARREIRA, Adelaide; ALBERTO, Edite e FERNANDES, Lídia (2004) – *Pedras que Jogam. Jogos de Tabuleiro de Outras Épocas*. Lisboa: Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa / Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em <https://bit.ly/3JWM9G3>.

CARVALHO, António Faustino (2008) – “Cerâmica Estampilhada do Abrigo da Pena D’Água (Torres Novas): contexto, cronologia e breve enquadramento regional”. In BERNARDES, João Pedro (coord.). *Sic Memorat - Estudos em Homenagem a Teresa Júdice Gamito*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 9-23.

CHÉNEY, António; FAFIÀES, Mariana e SILVA, João (2021) – *Requalificação dos Arranjos Exteriores do Castelo de Montemor-o-Novo. Relatório Final*. AFA - Arqueologia Conservação e Restauro, Unipessoal, Lda.

PEREIRA, Manuela (2008) – “Intervenção Arqueológica em Santa Maria da Vila no Castelo de Montemor-o-Novo. Um balanço de 5 anos de escavações”. *Almanson - Revista de Cultura*. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. 2.ª Série. 7: 5-18. Disponível em <https://bit.ly/33jg3Dy>.



FIG. 5 – Jogo de tabuleiro (Alquerque).